A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Resigne-se leitora; o seu chronista adoeceu. Pelo que, tem hoje de soffrer a desastrada prosa do ultimo dos seus creados. Uma séca.

Escuso de interrogar vossencia sobre o resultado felicissimo das sortes a que procedeu na noite de S. Pedro. A alcachofra floriu, o que me não parece phenomeno espantoso, visto que a mandou queimar pela pessoa mais interessada em que ella se não queimasse. Refiro-me áquelle incorregivel estroina que n'essa noite lhe fazia a côrte. Eu vi. O velhaco aproximou-se da fogueira, mais para disfarçar do segredo que pouco antes

O CONSELHEIRO JOAQUIM PEITO DE CARVALHO

lhe dissera, do que para tornar cumplice dos seus arrulhos a pobre flôr silvestre.

E, a proposito do segredo: sabe que se discutiu um pouco sobre o caso?

—Que lhe diria elle, perguntavam todos.

Eu estava longe, como sabe. Não ouvi, mas imagino. A calcular por certos accidentes, aquelle refinadissimo D. Juan disse-lhe... um beijo.

Isto afinal é simplesmente uma hypothese, e quando mesmo o não fosse é necessario attender a que a alcachofra floriu. Deixemos isso.

Eu, d'essa noite, guardo apenas uma recordação teimosa—as bombas. Que martyrio!

Não acredito que haja som mais antipathico do que esse grito de satisfação com que a polvora se despede do seu casulo de cordel alcatroado. E' um ruido essencialmente prosaico; ao estalar das bombas é impossivel sonhar, porque, primeiro que tudo, é impossivel dormir.

Em noites de santo que metta fogo d'artificio, ha só duas coisas supportaveis; a saber: sêr fogueteiro ou sêr surdo. Surdo como uma porta; ou então como duas portas!

—Ahi vem Sua Eminencia.

Foi a Roma e viu o Papa. Duas venturas d'um jacto.

E não param aqui as regalias auferidas pelo patriarcha José durante a sua viagem. Vem de chapeu encarnado.

O novo cardeal entrou em Lisboa com o chapeu na cabeça, e um esquadrão de lanceiros atraz do chapeu. Fez sensasão.

Esta investidura do patriarcha na dignidade cardinalicia é de summa importancia para os devotos. Frei José é actualmente credor do respeito de toda a christandade porque o seu novo titulo lhe garante as honras de conselheiro do Pontifice.

E' agora um grande vulto da Egreja. A sua benção vae sêr decerto mais difficil de obter, mas em compensação será tambem mais efficaz. Porque do cardeal ao papa vae uma breve distancia, e d'este a Deus vae quando muito o infinito.

Parabens, pois, aos nossos mais devotos conterraneos, que de joelhos saudarão na passagem o venerando funccionario.

—Ahi vem Sua Eminencia.

Entretanto Lisboa começa a estar deserta.

Os privilegiados da fortuna, aquelles que durante o inverno aproveitaram da capital o que ella tem de bom, vão preparando á pressa as respectivas malas, pouco dispostos que estão a perdoar-lhe agora o que ella tem de mau.

E Lisboa, velha cidade de marmore, vae ser o centro da semsaboria. Exactamente como no inverno...

Até o proprio Monarcha tenciona em breve deixarnos.

El-Rei, porém, não vae passar no campo a quadra que só no campo, á sombra dos arvoredos e á beira dos regatos, póde passar-se bem.

Depositando em seu filho o encargo difficil da regencia, vae cultivar no estrangeiro as relações de parentesco e de amisade que ligam a nossa patria ás outras cortes da Europa.

O Senhor D. Luiz partirá de Lisboa de 4 a 8 do proximo mez de agosto.

Não está ainda definitivamente assente o itinerario de Sua Magestade, mas parece que se dirigirá a Bruxellas para visitar o rei Leopoldo, passando depois a Allemanha, indo a Francfort e em seguida a Ems, onde deve estar provavelmente o Imperador Guilherme.

Depois de tambem visitar Sua Augusta Irmã, que está enferma, Sua Magestade, se o tempo lhe não escasseiar, vae a Vienna d'Austria. A corte de Vienna é das mais obsequiadoras; El-Rei terá, portanto, de se demorar lá. Eis o motivo porque só em viagem tomará qualquer resolução a tal respeito.

Depois de visitar Munich, onde Sua Magestade ainda não esteve, dirige-se a Kiel, onde embarcará para Copenhague, passando depois a Christiania e atravessando em seguida para Stockolmo. Sua Magestade não quer fazer uma viagem d'estas sem visitar o Rei da Suecia, com quem mantém ha muito as mais cordeaes relações particulares.

Retrocedendo, para se não aventurar a uma viagem no Baltico, onde a navegação e perigosa, principalmente por causa dos cyclones, o Senhor D. Luiz vem a Hamburgo, onde embarca para Londres. Feita a visita á Rainha Victoria, que a esse tempo já deve ter deixado a ilha de Wight para habitar o seu palacio de Windsor, El-Rei embarca na *Affonso de Albuquerque*, e regressa a Lisboa. Esta corveta ou vem para o Tejo logo depois de Sua Magestade chegar a Anvers, para mais tarde sair para qualquer porto inglez, ou vae de Anvers para Plymouth esperar as ordens que El-Rei lhe transmitirá logo que chegue a Inglaterra.

A viagem de El-Rei durará pouco mais de um mez, porque Sua Magestade deseja estar em Lisboa no dia 28 de setembro, que é o anniversario natalio do Principe D. Carlos e da Princeza D. Amelia.

E ter eu de fallar na dictadura!

Eu, que de politica só percebo que de vez em quando os politicos fazem asneira. Mas é por isso mesmo que percebo muito do ministerio actual.

E' um ministerio encantador! E' uma delicia de ministerio! Era capaz de fazer uma tolice por dia, se não houvesse dias em que se vê obrigado a fazer duas e mais.

Pensar na dictadura, uma. Deffendel-a, duas. Ameaçar com ella, tres. Mostrar que a teme, uma, duas e tres!

Porque afinal, se não é medo, parece.

Pois havendo tantos jornaes progressistas, e sendo todos elles *orgãos officiaes* do partido, ao ponto de metterem n'um chinelo o proprio *Diario do Governo* que se limita a copiar o que os outros decretam, não parece extranho que a nenhum d'elles conste ainda a ultima palavra do ministerio a respeito da temerosa aventesma?

Tragam-te ou vomitam-te, extravagante dictadura?

Já dá vontade de suppor que nem uma coisa nem outra; pelo contrario.

Verdade seja que ao partido progressista já falta agora um elemento essencial—O *Progresso*—(com *P* grande, porque com *p* pequeno nunca abusou de semilhante iguaria).

E o *Progresso* merecia uma existencia mais larga, menos attribulada. Era um jornal com que pessoa alguma tinha a mais leve indisposição. Ninguem o lia.

Pois morreu, e morreu precisamente na occasião em que todos esperavam que d'ali saisse a *ultima palavra*, com a qual, seja dito de passagem, eu não me importo mesmo nada.

J. Lima.

A TRASLADAÇÃO DOS OSSOS DE VASCO DA GAMA

EM 1880

III

Poucas horas depois começava a ceremonia religiosa, commemoração meia funebre, meio festiva, porque se operava a trasladação de um cadaver ou das reliquias de um cadaver, e festejava-se tambem a apotheose de um immortal. Emfim, quando soaram na pobre nave da egreja de Nossa Senhora das Reliquias as ultimas notas da musica da egreja, os veteranos de marinha com as suas faces enrugadas e tisnadas pelo sol das estações africanas, approximaram-se da urna, e saíram com ella do templo. Então organisou-se o cortejo, metteram-se nas suas carruagens os altos funccionarios, os personagens importantes, que deviam acompanhar a urna até Cuba, e alguns até Lisboa, e a um signal dado poz-se em marcha o longo sequito.

A impressão produzida por aquelle espectaculo maravilhoso nunca se apagará da memoria dos que o presenciaram. O povo enchia por toda a parte a paizagem, n'uma varanda alta da egreja, nas torres dos sinos, nas janellas do antigo convento, entre o laranjal, nas ondulações das collinas, por toda a parte emfim não se viam senão cabeças. Enchia um immenso murmurio aquellas campinas tranquillas. Os cavallos do esquadrão de cavallaria 5, que deviam seguir o cortejo, mastigavam os freios como os ginetes dos justadores no quadro dos doze de Inglaterra, traçado por Camões; as fileiras do 17 desdobravam-se immoveis ao longo da estrada, e nas prégas da sua bandeira fluctuante brincava a aragem tepida de uma formosa manhã de junho.

De subito põe-se em movimento o cortejo; os sinos entornam nos ares os enxames doidejantes dos seus festivos repiques; todos instinctivamente se descobrem; a musica do regimento entoa o hymno triumphal; os soldados apresentam armas; a bandeira curva-se, como a nação de que é o symbolo palpitante e altivo; e no meio de todas estas homenagens, cercado por esses velhos marinheiros, que revelam nos seus rostos sérios e bronzeados como que a plena consciencia da grandeza do papel que n'essa festa nacional lhes compete, passa o grande almirante do mar das Indias, ou passam emfim os seus restos desfeitos, e dentro da urna n'um craneo inerte e vasio, talvez ao som festival da apotheose, palpite um instante, para se inebriar com a homenagem da patria, o seu pensamento redivivo.

O prestito não tardou a deixar atraz de si as torres solitarias da igreja campesina, e d'ahi a meia hora entrava na Vidigueira. Devia realisar-se alli uma ceremonia commovente. Na grande praça da villa, vasto parallelogrammo todo cingido de arvores, devia-se collocar a primeira pedra da escola, que o Estado alli mandara fundar para indemnisar a Vidigueira da perda do seu grande homem. A escola devia ter o nome glorioso de Vasco da Gama.

O cortejo parou, apeiaram-se todos, e feitas as ceremonias, pronunciaram discursos, entre outras pessoas, o sr. conde da Vidigueira, representante da familia do grande almirante, o sr. Rodrigues da Costa presidente e representante da commissão executiva da imprensa, o sr. Fialho Machado, então deputado ás côrtes pelo circulo da Vidigueira e Pinheiro Chagas representante da Academia Real das Sciencias. O thema era excellente, como fôra excellente a idéa. A Vidigueira cedia ao Pantheon da patria o craneo de Vasco da Gama, e a patria eternisava-lhe na escola o pensamento civilisador, de que Vasco da Gama fôra no seu tempo o mais glorioso representante. Ficava-lhe um tumulo vasio, mas ficava-lhe tambem na escola que ali se fundara um berço que viria a encher-se com a geração infantil, d'onde poderiam saír os grandes homens do futuro. Se debaixo de uma fria pedra da capella-mór da igreja das Reliquias já não existia o craneo que justificasse *Aqui jaz Vasco da Gama*, d'entre esse ninho de crianças podiam vir a germinar intelligencias, que, honrando a patria no campo glorioso da sciencia, justificassem plenamente esse nome, que em lettras de oiro havia de resplandecer ao sol de Portugal no frontispicio da escola: *Escola Vasco da Gama*.

Era esse o verdadeiro monumento, que se podia erigir ao grande homem, e a Vidigueira devia acceitar com reconhecimento esse dom nacional, que lhe pagava um sepulchro, em que jazia a gloria do passado, com um berço, em que viriam a palpitar as glorias do futuro.

Ao anoitecer d'esse mesmo dia, o cortejo, depois de atravessar Villa de Frades, chegava a Cuba, onde a urna devia entrar, sempre escoltada pelos marinheiros, para a capella ardente, que se lhe organisára n'um dos wagons do comboyo expresso.

O dia fôra deveras fatigador. A marcha do cortejo, vagarosa e entre-cortada por paragens repetidas debaixo de um sol ardente de junho, prostrava os mais intrepidos, que demais a mais se tinham levantado cedo.

No dia seguinte ás oito horas da manhã partio o comboyo para o Barreiro, parando em algumas estações para receber a urna que encerrava os despojos mortaes de Vasco da Gama as homenagens de diversas municipalidades.

A camara municipal de Alvito veiu em corporação á estação do caminho de ferro depôr uma coroa sobre a urna, pronunciando o seu presidente um breve discurso.

No Barreiro estava fundeada a corveta *Duque da Terceira*, commandada por um dos mais distinctos officiaes da nossa marinha, o sr. Ferreira do Amaral, que é hoje governador da India.

A urna foi recebida com toda a solemnidade.

Innumeros vapores de recreio, uma quantidade immensa de embarcações de todos os generos e feitios, litteralmente apinhadas de passageiros, esperavam a chegada dos restos do immortal navegador. A corveta levantou ferro e singrou para o arsenal da marinha, cercada, seguida por uma enorme esquadrilha.

O dia estava esplendido, formosissimo dia de junho.

Ambas as margens do rio estavam cobertas de espectadores.

O espectaculo d'essa esquadra, vindo do Barreiro e atravessando o Tejo em toda a sua immensa largura, era, dizem-nos os que o poderam ver de Lisboa, um panorama verdadeiramente maravilhoso.

A placidez do rio, doirado pela scintillações de um sol de junho; a esbelta airosidade da corveta; as formas variadas dos navios e botes que a seguiam, uns arrojando aos ares as suas nuvens de fumo, outros espanejando ao sol a brancura immaculada das suas velas; as harmonias que se exhalavam dos vapores onde vinham bandas de musica; o deslisar brando e sereno de todas essas embarcações formavam um conjuncto que nunca mais esquecem os olhos que o poderam ver; mas não era ainda senão o preludio do grande, do magnifico espectaculo, a introducção d'essa magnifica symphonia de formas e de cores, que se ia desenrolar no Tejo, quando a urna de Camões se reunisse á de Vasco da Gama; e quando o heroe e o poeta, ligados atravez dos tempos pelos laços de oiro da Gloria, caminhassem, lado um do outro, Tejo abaixo, como seculos antes tinham feito os dois grandes homens cuja apotheose alli se fazia, em demanda da immortalidade.

*

Contei as ceremonias menos conhecidas d'essa esplendida festa civica, celebrada em 1880 e que foi uma das mais notaveis, senão a mais notavel que se tem celebrado no nosso paiz. Conhecem todos a magnifica solemnidade do cortejo fluvial, conhecem muitos a historia das pesquizas que se fizeram para descobrir os ossos de Camões, e viu Lisboa inteira desfilar pelas suas ruas o prestito que conduzia a urna de Camões do convento de Sant'Anna ao Arsenal, onde tinha de embarcar para Belem, mas pouquissimos conhecem esta outra ceremonia que se realisou n'um canto do Alemtejo, esse desfilar do prestito triumphal que, atravez das campinas que rodeiam Vidigueira e Villa de Frades, trouxe a urna de Vasco da Gama ao Barreiro, onde devia embarcar para se reunir com a urna de Camões diante do Arsenal da Marinha. Testemunha commovida d'essas grandiosas scenas, tendo assistido desde o principio a todas essas pompas, em que tive, por obrigação official de tomar parte, desejei narrar aos leitores da *Illustração Portugueza* essa curiosa digressão.

As paginas que se acabam de ler hão-de engastar-se n'uma obra monumental que n'este momento se prepara, mas de que infelizmente só d'aqui a muito tempo o publico poderá ter conhecimento.

E' o livro do Centenario de Camões, redigido pela commissão da imprensa, e que ha-de ser maravilhoso debaixo do ponto de vista artistico. As gravuras e chromos, que já estão feitos, são verdadeiros primores que honram todos os artistas que d'elles se incumbiram e especialmente o sr. Emilio Riché. Infelizmente o trabalho e enorme, e não póde rapidamente completar-se. O publico já o esperava ha cinco annos, e ha-de-o esperar ainda bastante tempo. Da parte que n'elle tomo dei aos leitores da *Illustração Portugueza* um pequeno especimen.

PINHEIRO CHAGAS.

A LUVA

Deixaste-me entre as mãos por esquecimento
A luva perfumada . .
E eu guardei-a, então, n'esse momento,
Como se fôra dada!

Nas horas em que lucto co'a saudade
Do nosso amor passado,
Nas horas em que a fria realidade
Me deixa desolado,

Ponho os olhos na luva pequenita
Que teve a tua mão,

E leio o poema, a dor e a desdita
Da minha adoração!

Mas o tempo, o heroe devastador,
A quem o mundo cede,
Vae enchendo de aspereza e de bolor
A luva de Suède...

E eu, ao ver assim ir augmentando
A rapida voragem;
Sinto que em mim o tempo vae gastando
A tua doce imagem!

D. BERNARDO DA COSTA.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 50)

V

Vida nova

—O que é? O que é? perguntou espreguiçando-se, Antonina, abrindo os olhos finalmente, á força de sacudidellas dadas pelo seu amante.

—E' teu marido! é Luiz! Está ali na sala! explicou muito atrapalhado o Fonseca, guardando o panno da barba no estojo das navalhas, e deitando a navalha para a roupa suja.

—O Luiz! repetiu Antonina. Estava agora mesmo a sonhar com elle... Tem graça!

—Eu é que lhe não acho nenhuma, tornou com mao humor o Fonseca, não acertando, na sua atrapalhação, com as mangas do casaco, que vestia á pressa.

Antonina não respondeu e ficou um pedaço a scismar, com o olhar vago.

—Não lhe acho nenhuma, explicou o Fonseca, enfiando finalmente a manga, porque elle está na sala, quer por força fallar-me e não sei o que elle me quererá.

Antonina continuou calada, pensando.

—Póde muito bem ser que elle já saiba da coisa, que alguem désse com a lingua nos dentes. Esta insistencia em querer por força fallar-me, pela manhã cedo, Deus queira que não tenhamos por ahi alguma scena boa.

—O que? Tens medo d'elle? perguntou Antonina n'um tom profundamente despresador.

—Não, eu não tenho medo, tornou o Fonseca fazendo-se muito corado, e tomando ares. Graças a Deus nunca tive medo de ninguem. São duas coisas de que eu não hei de morrer, de medo e de parto, continuou elle forçando dar um tom alegre e faceto ás suas palavras.

—Quem sabe! não é bom fallar muito... emendou zombando Antonina.

—Não tenho medo, repetiu o amante, como que para se convencer bem d'isso; mas em summa, qualquer scena agora com teu marido seria muito desagradavel para nós todos, collocar-me-ia muito mal perante o publico, perante a sociedade...

—Ora adeus! Deixa-te de discursos e vae ver o que elle quer.

—Não são discursos, é isto assim mesmo, resmungou Fonseca acabando de se vestir, e sem vontade nenhuma d'ir ter com o seu antigo amigo.

Por fim, depois de remanchar muito, como um rapaz mandrião quando tem que ir para o collegio, o Fonseca percebeu que não tinha remedio senão ir fallar á sua visita. Então, cheio de susto, tomou uma resolução rapida, encheu-se d'animo e atirou-se pela sala dentro como quem se atira a um banho frio, que lhe custa muito, n'um abrir e fechar d'olhos, sem dar tempo a reflexões, para acabar com aquillo.

Antes de sahir do quarto, Antonina fiando se pouco n'elle, aconselhou-o:

—Agora vê bem o que dizes e o que fazes. Olha que eu vou espreitar.

E levantando-se da cama n'um pulo, enfiou uma bata, metteu os pés nus n'uns *pantoufles* elegantes e foi-se, pé ante pé, postar a outra porta da sala, toda curvada, espreitando pelo buraco da fechadura.

O acaso favorecera bizarramente a sua curiosidade. Luiz e Antonio estavam collocados exactamente no extremo opposto da sala, de modo que ella via-os excellentemente, e como a sala era pequena, não perdia ao mesmo tempo uma unica das palavras que elles trocavam.

Quando chegou ao seu observatorio estavam os dois ainda abraçados n'um longo amplexo de matar saudades.

Apenas Antonio apparecera á porta da sala, muito pallido e com o coração a bater-lhe lá dentro precipitadamente, Luiz pozera-se em pé, e correra a lançar-se-lhe nos braços todo banhado em pranto.

Antonio muito comprommettido, muito *gauche*, correspondeu a este abraço com uma ternura fingida.

Estiveram assim abraçados, silenciosos, como n'uma visita de pezames, um longo pedaço.

Depois, dominando a sua commoção violentissima, Luiz arrancou-se dos braços do seu amigo.

Antonina poude então ver-lhe a cara, e a custo reprimiu um grito d'espanto.

Luiz não era o mesmo homem. O doloroso soffrimento d'essas semanas terriveis envelhecera-o, a ponto de o tornar quasi desconhecivel; os cabellos louros tinham-se feito brancos como os de um velho; as faces emagrecidas, a pelle enrugada, as olheiras profundas, pareciam d'um convalescente sahido de longa e perigosa enfermidade.

Depois, os dois começaram a conversar.

Luiz vinha despedir-se; chegára na vespera da provincia e partia n'esse mesmo dia no paquete para a America.

—Para onde?

—Nem elle sabia, não tinha destino certo. Ia correr mundo, andar errante por toda a parte, buscar longe de Portugal o esquecimento para a sua dor, e a riqueza para a sua filha.

—E lêval-a comtigo? perguntou o Fonseca.

—Não, deixo-a cá a educar, não te digo onde porque jurei não o dizer a ninguem. Quero que ella esqueça completamente toda a sua infancia, todos as pessoas que lhe possam lembrar a sua miseravel mãe.

—Mas... balbuciou o Fonseca tendo vontade de insistir, lembrando-se que Antonina quereria saber onde estava sua filha, para a poder ir ver.

—Não insistas. Jurei isto no dia em que sahi com ella d'quella maldita casa onde entrára a perfidia, a traição e a deshonra. Não te zangues commigo, não? Mas respeita o meu juramento, faze-me esta vontade. Bastantes vezes tenho estado para o quebrar, mas não posso, não devo, sinto que seria uma má acção.

O Fonseca não insistiu e no fim de contas, lá no seu intimo, não deixava d'estar contente. O juramento do Luiz convinha como o demonio ao seu egoismo: livrava-se da massada de aturar as exigencias d'amor maternal, que um bello dia podiam accometter a sua amante, livrava-o d'uma serie de complicações e d'incommodos.

O Luiz continuou a fallar do seu futuro, futuro em que o guiava apenas o amor de sua filha—Queria fazel-a feliz, sobretudo honrada, honesta, digna, para se não parecer com sua mãe. Mais tarde viria buscal-a, logo que ella tivesse a sua educação completa e elle tivesse achado um sitio para parar, para estabelecer a sua vida. Tinha liquidado aqui todos os seus negocios, tinha quebrado todos os laços que o prendiam á sua terra, á qual nunca mais tencionava voltar, senão, de passagem mais tarde depois de ter a certeza de não encontrar aquella que o deshonrára.

—Nunca mais a viste nem soubeste d'ella? perguntou elle ao Fonseca.

O Fonseca fez-se muito vermelho e respondeu com voz que em vão quiz tornar firme:

—Não... nunca mais.

—Mentes, estou a vel-o, tornou logo Luiz, fitando muito o seu amigo. Mentes. Tu vistel-a mas não me queres dizer. Imaginas que isso me faz impressão. Pois não digas. Talvez seja melhor assim. Ah! se eu a visse, talvez não fosse senhor de mim. Eu bem quero dominar-me, mas se a encontrasse de repente, se aquella porta se abrisse e ella entrasse aqui.

E o Luiz apontou para a porta onde sua mulher o estava espreitando, e o Fonseca fez-se mais pallido que um morto.

—Se ella entrasse aqui, repetiu Luiz pallido e pondo-se em pé, se os meus olhares a tornassem a encontrar... matava-a!

N'isto, a porta abriu-se, e Antonina irrompendo na sala, parou defronte do seu marido, e atirando para traz os seus formosos cabellos negros, abrindo os braços em *pose* theatral, exclamou:

—Mate-me! Aqui me tem!

(Continúa) GERVASIO LOBATO.

CONTOS DA CAROCHINHA

Nupcias ideaes

Succedeu isto na primavera, em uma das minhas vidas, hoje extinctas, no meio de uma campina esmaltada de flores.

A AFRICANA

Vi vir, direita a mim, um creança rosada e loira, e comprehendi logo que em toda a minha existencia não poderia amar outra. O que era estranho e encantador, é que ella não se assimilhava a nenhuma das raparigas que eu tinha visto até então, com quanto fosse a viva realisação das imagens que noite e dia povoavam os meus sonhos de adolescente.

A creança rosada e loira divagava pelo campo em flor, descrevendo os zig-zagues da abelha. Algumas vezes, curvava-se e mexia na herva, procurando os malmequeres e os botões de oiro.

Fingi que não sabia que se tratava de uma simples colheita de flores, approximei-me e disse-lhe:—O objecto que perdeu e que em vão procura será este?

Ao mesmo tempo, offereci-lhe um annel de prata, que tirára do dedo; mandara-o fazer, havia um anno, no intuito de presentear com elle a noiva por mim escolhida.

Calcule-se a minha surpresa, ao ouvir-lhe esta resposta:

—Esse mesmo!

E pegando no annel, com um gesto rapido, enfiou-o no annular da mão esquerda; em seguida, fugia, levantando o voo como uma andorinha.

Fiquei só no campo. Julgar-me-hia victima de um sonho, se não se houvesse espalhado no ar um perfume de cabellos soltos, e se em torno de mim as florinhas, tocadas pelos seus dedos, não exhalassem um novo e estranho aroma, como outras tantas caçoilas cheias de nardo, de ambar e de iris.

*

Como eu era n'esse tempo o joven principe de um magnifico reino, mandei proclamar a toque de clarim, pelos meus arautos vestidos de encarnado e vermelho como os papagaios do Brazil, que o meu coração e o meu throno pertenceria sem contestação áquella que me apresentasse certo annel de prata!

Imagine-se que revolução produziria esta nova no paiz!... As hospedarias não chegavam para alojar a multidão de meninas, vindas das cidades, das aldeias, das montanhas e dos valles na esperança de subir ao throno. Umas eram descendentes de raças nobres, illustres e pomposas nos seus vestidos de setim e velludo nacarado, reclinadas em liteiras conduzidas por negros africanos; outras eram simples filhas de negociantes, escoltavam-as grandes saccos cheios de escudos; estas esperavam attrair-me pelo brilho do seu dinheiro, pois todos sabiam que eu tinha odiosamente esbanjado os rendimentos do Estado, para pôr esporas de oiro aos meus gallos de combate e collares de perolas ás rôlas do meu viveiro.

Appareceu tambem um grupo de mendigas, caminhando com os pés descalços.

Por essa epocha, queixaram-se os ourives de varios roubos de anneis; os anneis desappareciam-lhe das *montres*, sem elles saberem como!

Mas entre tantos anneis, não achei o annel de prata dado á noiva invisivel, e entre tantas mulheres bonitas, filhas de titulares ou filhas de negociantes, calçadas de borzeguins de oiro ou descalças, não encontrei a creança rosada e loira, que vira uma manhã de abril, no meio da campina esmaltada de flores.

Cheio de dôr, entreguei a minha coroa a um dos meus parentes, que sempre a cubiçára, e que é de suppor que não tardasse a assassinar-me para a obter.

Vestido como um pobre vagabundo, apoiando-me a um bordão de peregrino, comecei a correr terras, na esperança de encontrar a minha noiva.

Seria demasiado longa a descripção de todos os paizes que atravessei. Assentei-me na neve e dormi nas flores. Vi mares mais vastos e azues do que o céo, areaes infinitos, tão doirados e tão luminosas que dir-se-ia serem feitos de uma poeira de estrellas. Mas nem no pallido Norte, nem no fulgurante Sul, nem nas cidades, nem nos oasis onde as raparigas conversam á roda do poço, tendo sobre os hombros a bilha de barro, me foi dado tornar a ver a formosa menina que tinha no dedo o meu annel de prata. De sorte que uma tarde, depois de bastantes dias e noutes, de longos annos, já entrado na velhice, o coração desesperado e a cabeça caida no peito,– a minha cabeça grisalha, coberta com o meu grande chapéo de mendigo,—assentei-me em cima de uma pedra, ao voltar uma estrada, exclamando:

—«E' pois certo que não tornarei a ver-te, a ti, unico ente que amei e amo? Ah! quantas mulheres encantadoras, de olhar suave e bocca affectuosa, sorriem ao beijo e não o repellem! Mas são só os teus labios que eu desejo! Eu sou a abelha que só quer uma rosa e a borboleta que pousa em um só lyrio. Ai de mim! não possuo nem o lyrio nem a rosa!»

As minhas queixas resoaram durante toda a noite.

De subito, uma pequenina fada desceu de uma arvore e disse-me:

—Pobre homem! em vão procurarás na terra aquella que é similhante á chymera dos primeiros mezes de abril. Mas consola-te, vel-a-has um dia, mais bonita do que nunca. Aproximar-se-ha de ti, como a personificação de um sonho animada, e tu beijarás no seu dedo o querido annel nupcial.

—Onde me será dado fruir essa ventura?

—No Paraiso, volveu a fada.

—E quando poderei eu entrar no Paraiso?

—Quando morreres.

Invoquei então a morte, com todas as minhas forças.

A fada foi colher o calice desmaido de uma flôr, onde havia uma gotta de orvalho.

—Bebe essa perola, disse ella; o activo veneno que contém, matar-te ha sem demora.

Bebi a gotta de orvalho e morri. Acordei,—como é breve a morte!...—em uma estancia deliciosa, como nunca imaginara que podesse existir.

*

Em uma nuvem de oiro e azul adejavam casaes de anjos, deslisando de mãos dadas, radiantes de ventura. Pensei, inebriado, no jubilo que experimentaria, ao ver a creança rosada e loira, tendo no dedo o annel de prata, ao pairarmos ambos, enlaçando os corações e as azas, nas infinitas delicias da eternidade. Esperei durante muito tempo,—a fada não podia mentir,—mas ella não appareceu. Vi um deslumbrante cortejo encaminhar-se, ao longo, para uma especie de templo construido em diamante! Adivinhei que se ia celebrar um hymeneu, e aguardei impaciente a hora das minhas celestes nupcias. Mas a minha noiva não se mostrava.

Perguntei a um par angelico, que ia reunir-se ao cortejo esponsalicio:

—Saberão dizer-me se a menina a quem dei o meu annel de prata não chegou ainda ao Paraiso?

Os anjos fitaram-me com expressão enternecida, como se tivessem dó de mim:

—Sim, pobre homem! volveram com voz suavissima, a menina rosada e loira chegou ao Paraiso, mas tu não a verás, porque Deus Nosso Senhor achou-a tão bonita que a quiz para si; é ella a noiva que Elle acaba de conduzir alli, áquella egreja de diamante!

CATULLE MENDÈS.

OS OLHOS DE CLEMENCIA

Os olhos d'ella, os olhos de Clemencia
São como o infindo azul resplandecente:
Olhos em cuja luz mysticamente
Desponta a estrella d'alva da innocencia.

Nada perturba a calma transparencia
D'esse infantil olhar terno e dormente,
Onde se estampa ainda fielmente
Do divino cuidado a paciencia.

Deixa que eu cante, oh anjo, a formosura
De teu olhar dulcissimo:—entretanto
Cedo virá a hora ingrata e escura

Em que outra voz apregoará o encanto
Dos olhos teus, queimados de amargura,
De amor, de febre e de insensato pranto.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

A BAHIA DE CASCAES

Poucos espectaculos haverá debaixo do céu peninsular tão bellos e magestosos como a bahia de Cascaes contemplada em dia claro, d'entre a matta verde de pinheiros de Santo Antonio do Estoril.

Não estremece mais fulgente o sol no golpho azul de Napoles, nem recama de mais lantejoulas os canaes da poetica Vene-

NAS CORRIDAS

za, nem se reflecte mais rutilante no espelho liquido do Bosphoro do que na superficie luminosa da bahia.

Verdade é que á bella enseada não lhe enfloram as margens, como ás da sua irmã sumptuosa do Bosphoro, laranjaes floridos, cujos pomos escurecem o brilho dos globos de ouro dos minaretes, nem a emmolduram fastosamente arcarias, obeliscos, palacios de marmore.

Aonde, como no golpho de Constantinopla, as fontes de agatha a murmurarem-lhe em redor e a alastrarem de aljofres os tapetes de relva? Aonde os jardins e kiosques todos fragrancia e espessura? Aonde os harens dourados, atravez de cujas gelosias tramadas de filagrana fuzilam os olhos ardentes das sultanas? Aonde as galerias sem fim a projectarem-se como pontes aereas de jaspe sobre massiços de verdura e rosaes de Alexandria?

E, todavia, para ser formosa, como realmente é a sua bahia, Cascaes não carece dos prestigios da arte, nem das pompas do luxo oriental. Vae-lhe bem o ermo, o nú dos outeiros. As mesmas gandaras desertas, por onde, á bocca da noite, se veem passar vagorosamente raros rebanhos; o empinado dos barrocaes; as assomadas severas dos montes, d'onde, no inverno, se precipitam com estrepito grossas vertentes, que serpeiam pelas aberturas dos valles, semelhantes ás roscas sinuosas de uma serpente monstruosa, este todo—agreste, selvagem—encerra bellezas indisiveis.

Poucos cabeços se toucam do verde escuro dos pinheiraes. As oliveiras, os pinheiros mesmo, mostram, no enfezado, resentirse do halito do mar, do acre da salsugem, que se infiltra nas fibras das arvores a tolher-lhes a vegetação. Não vereis trepar pelas collinas os vinhedos entrelaçando-se em festões de bacchante. Carcavellos, cingida de pampanos estereis, como de uma grinalda de irrisão, expia na persistencia inveterada do *oidium* a abundancia vinhateira do passado.

Ao longo da costa e na direcção das dunas de areia, que se levantam mais altas nas proximidades do cabo da Roca, estende-se uma vegetação, não menos agreste do que rasteira, de juncos amarellados, de urzes, de pervinca. No pendor dos outeiros, nas ondulações montanhosas, pinheiros rachiticos, matto maninho, pastio rente do chão, e alguns raros tufos verdes de malva-rosa completam a familia vegetal d'aquellas praias, açoutadas a miudo pelos ventos do oceano.

Ao cair da tarde, quando os resplendores amortecidos do sol se escondem nas franjas avermelhadas do horisonte, ou á noite, quando a claridade serena da lua embranquece as areias alouradas da bahia onde a paizagem e o mar teem um aspecto differente do que apresenta o littoral, a scena torna-se tão imponente, que a nossa alma expande-se em hymnos ferventes áquellas magnificencias da creação.

Ao longe, distanciando-se em sentido contrario á concavidade da bahia, prolongam-se as cordilheiras pouco elevadas da margem esquerda do Tejo, até desapparecerem, fundindo-se nos declives da serra da Arrabida.

Na foz do rio, e como que vigiando-a, ergue-se, n'um rochedo cercado de mar, a torre do Bugio, que as vagas açoitam enfurecidas, como que em represalia de ella lhes roubar muitas embarcações e vidas com o clarão do seu pharol.

E, devéras, aquelle luzeiro é como um olho afogueado, cuja pupilla parece inflammar-se cada vez mais, á medida que vae empolando o mar e crescendo a cerração.

A quem o vê do fundo da enseada, o morro de Espichel, a estender-se pelo mar dentro, affigura-se o costado immenso de um cetaceo que espreita o ensejo de engolir os navios que descuidadamente o roçam ao dobrar o cabo.

No centro da bahia recosta-se a villa de Cascaes, a navegadora e guerreira de outr'ora. Hoje, coitada! suas mãos, já esquecidas do leme das caravellas que governaram e das armas que rijamente brandiram, empregam-se em conceitar as redes de seus pobres pescadores, com a mesma constancia com que Penelope tecia a sua teia.

O que são os destinos d'este mundo! No tempo velho envergou Cascaes uma forte couraça de pedra. Setteiras rasgadas em toda a extensão dos seus muros apontavam canhões numerosos á esquadra inimiga que ousasse navegar nas suas aguas.

Pelos resaltes da vasta enseada, e cruzando os fogos, estendia-se uma linha de fortes, de que restam apenas alguns revelins e lanços derruidos.

A aguia real do fisco, avezada a rapinas, tanto ou mais que a sua irmã dos Pyreneus, lembra-se de pairar sobre Cascaes, n'um dia de dezembro. De repente abre as azas, rasga vôos incertos, pousa depois sobre as muralhas, levanta o vôo de novo, atravessa os baluartes, parece rastejar por elles, para em seguida se remontar impetuosa ás alturas azues, aferrando ás presas não os raios celestes, que a aguia da fabula sustentava nas garras e despedia sobre o mundo, mas os raios da terra, os canhões que vomitam a morte e o exterminio.

Da artilheria grossa, affeita a varejar as armadas de Castella durante as guerras da independencia, nem uma só peça escapou ao menos para trocar cumprimentos com os navios das nações amigas! Cascaes, desde esse dia, ficou sendo a amostra da excellencia pratica de uma grande aspiração humanitaria, o desarmamento universal.

Ha tempos, alguns officiaes francezes d'um navio de guerra ancorado na bahia quizeram vêr a cidadella, que pelo vulto dos seus muros e bastiões lhes pareceu merecedora de ser visitada como fortaleza. Julgaram-n'a artilhada, é inutil dizel-o. Para a illusão ser completa, ondeava á brisa do mar a bandeira azul e branca, cravada n'um dos baluartes mais altos.

Entraram as portas, viram as sentinellas que ali estacionam com ar melancholico, subiram aos revelins, percorreram as baterias, não viram uma só peça de artilheria, e pozeram-se a rir muito da logração. Um d'elles, malicioso a valer, disse que desconfiava estar dentro do templo da paz. Outro perguntou com gravidade fingida ao veterano, que os acompanhava, onde ficava a cella do abbade do convento, e a que horas tocava o sino para recolherem os frades.

Na mesma occasião passeava na praia um paisano, fardado de guarda da alfandega, arrastando um espadagão que parecia a durindana de Falstaff e dando-se ares de um descendente dos cruzados, no aspecto guerreiro que ostentava. Sempre o eterno sainete das nossas cousas!

Das muralhas ennegrecidas pelos seculos, das paginas de pedra, onde, em cada lanço, está gravado um poema de heroismos, subsiste apenas o simulacro.

No meio das ruinas da praça, tão sómente a cidadella ergue seus muros, sobranceira por emquanto ás injurias do tempo e dos homens.

Por detraz da villa, as collinas escalvadas inclinam-se em ladeiras ingremes que descem até um valle fundo. Para além d'esta linha de montes, o terreno vae subindo em socalcos, degraus irregulares de um grande amphitheatro, a que servem de cimalha caprichosa os pincaros dentados da cordilheira de Cintra.

Se d'aqui volverdes os olhos ao interior da bahia, vereis a um e outro lado, nas saliencias extremas, a torre de S. Julião e a cidadella de Cascaes, postadas nas suas guaritas de rochedos.

Firmadas sobre penhascos abruptos e cobertos de limos esverdeados, as duas fortalezas parecem dois guerreiros agigantados, de pedra, que olham com desconfiança um para o outro, incertos do momento em que haverão de combater.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CONSELHEIRO JOAQUIM PEITO DE CARVALHO

E' bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, e encetou a sua honrosissima carreira official exercendo o cargo de secretario geral de districto.

No primeiro ministerio presidido pelo sr. Fontes foi nomeado governador civil de Leiria, cargo que exerceu por largos annos, fazendo uma administração recta, pondo termo a muitos abusos, prestando valiosos serviços ás terras do districto, principalmente a Alcobaça e á Nazareth, fazendo-se querer e respeitar, alliando á disciplina do magistrado superior o genio affavel e attrahente que todos lhe reconhecem.

Quando governador civil de Leiria, foi nomeado chefe da 1.ª repartição da direcção geral dos negocios do ultramar, no ministerio da Marinha, d'onde passou a director geral das contribuições directas, sua actual posição burocratica.

Em 21 de junho de 1884 foi eleito deputado ás côrtes, com poderes especiaes de revisão pelo circulo plurinominal de Leiria. Foi dos tres candidatos do circulo o mais votado.

O districto pagou assim, com uma manifestação honrosa e digna, os serviços prestados pelo seu antigo e dedicado governador.

No ultimo governo presidido pelo sr. Fontes, impoz-lhe a sua lealdade partidaria que aceitasse o cargo de governador civil de Lisboa, quando o sr. Segurado se exonerou, em virtude dos acontecimentos de 13 de setembro na assembléa geral dos accionistas da Companhia real dos caminhos de ferro do norte e leste.

Antes da nomeação, indigitaram-se muitos nomes, mas nenhum foi recebido com tanto applauso como o do sr. Peito de Carvalho. Os proprios jornaes da opposição não poderam deixar de dar testemunho de que em s. ex.ª estava um magistrado perfeitamente á altura do primeiro districto do reino.

Todos viram, com effeito, como a sua gerencia se assignalou por actos de boa administração, actos que a imprensa ainda hoje recorda e que tornaram o sr. Peito de Carvalho um governador

civil modelo, sympathico a todos os partidos, estimado por todos as parcialidades politicas.

Este é o funccionario.

Como homem, podemos affirmar que s. ex.ª é amigo dedicado ao extremo, que é um cavalheiro distinctissimo e de uma delicadeza esmerada, sabendo cercar-se de sympathias e affectos.

A AFRICANA

Esta magnifica estatua do celebre esculptor florentino, Manuel Caron, foi um dos mais bellos trabalhos que figuraram na secção de bellas artes da Exposição universal de Paris, em 1878, alcançando ali triumphos colossaes, como já os tinha alcançado em Florença, no anno anterior.

E merecidos fôram elles, na verdade, porque a esculptura é soberba de realismo. N'aquella mulher, assentada em terreno aspero, lançando em deredor o seu ardente olhar, o cinzel do artista florentino poude imprimir, com inimitavel acerto, a fereza selvagem dos habitantes do interior da Africa.

E encontram-se tão perfeitamente estudados o seu typo e o seu caracter, que a alvura do marmore não impede a imaginação de ver a figura com a côr propria d'aquella raça.

NAS CORRIDAS

E' um primoroso quadro de Garrido, pintor hespanhol moderno, de grande merecimento.

Fez furor em Madrid, quando ali foi exposto, e a critica d'aquella capital consagrou lhe encomios merecidos e justos, pelas extraordinarias qualidades de artista que n'elle se revelam.

O assumpto do quadro dispensa commentarios.

A PONTE DE BROOKLYN, EM NEW YORK

Se os caminhos de ferro aereos são uma prova do espirito emprehendedor do povo americano, a ponte pensil que liga New-York á cidade de Brooklyn, mostrou-nos até onde póde chegar a temeridade *yankee*.

Foram necessarias condições topographicas especiaes para se conseguir a resolução d'este intricado problema:—lançar uma ponte sobre um braço de mar de 900 metros de largura, permittindo que por debaixo d'ella passem navios de todas as lotações. A peninsula de Manhattan, em que está edificada New-York, tem a fórma d'um dorso. A partir da aresta central, o terreno desce suavemente até ao mar, e Brooklyn está tambem edificada no declive de uma collina marginal do rio Este. Esta disposição especial faz com que se possa chegar ao nivel do ponto mais elevado, sem rampas muito largas e excessivamente violentas.

Tornava-se indispensavel estabelecer communicações faceis com Brooklyn, que tem uma população de trezentos mil habitantes e que é um bairro de New-York. Os negociantes teem os seus escriptorios na cidade e as casas de habitação em Brooklyn. E' tal o movimento entre as duas cidades, que existem sessenta companhias de vapores unicamente destinados a esta viação.

A ponte pensil de Brooklyn é de dois taboleiros, havendo no segundo duas vias para os caminhos de ferro; por baixo circulam os *tramways* e as carruagens, tendo ainda ao lado um espaço reservado para peões.

O primeiro taboleiro está collocado a 25 metros acima das aguas mais vivas.

Para sustentar este enorme peso, estabeleceram os engenheiros quatro cabos de fio d'aço, cada um quasi tão grosso como o tronco d'um homem, e formado por dezenove fios não torcidos, como os das cordas ordinarias, mas unicamente juxtapostos, a fim de diminuir as probabilidades de rotura, e compondo-se de 5.296 fios d'aço, d'alguns millimetros de espessura.

Duas torres de pedra, de 100 metros de altura, dividem a ponte em tres partes. O vão central tem um comprimento de 499 metros, e os dois outros 121 metros cada um.

De cada lado do rio Este erguem-se dois enormes pilares destinados a supportar todo o peso d'esta gigantesca ponte, a maior que os americanos ousaram emprehender. São construidos de enormes massas de granito e com dois arcos em ogiva, semelhantes aos das cathedraes gothicas.

O ponto de vista do alto das torres é esplendido. D'um lado estende-se New-York, com os seus monumentos, os seus palacios, os seus zimborios e as torres das suas egrejas. O Hudson aperta a cidade n'um cinto resplandecente, e ao longe avista-se o ancoradoiro de Jersey-City, coalhado de navios, e a propria Jersey-City com o seu amphitheatro de collinas, quasi sempre envoltas n'um denso e espesso nevoeiro.

PALACIO DOS MARQUEZES DE FRONTEIRA, EM BEMFICA

Este palacio, uma das mais bonitas vivendas de Portugal, está situado a seis kilometros de Lisboa, no começo da encosta da serra de Monsanto, do lado de Bemfica.

E' de uma construcção grandiosa e elegante, e foi edificado em terras da casa dos Mascarenhas—chamadas—*Morgado novo*.

A edificação data do principio do ultimo quartel do 17.º seculo;—mas a capella existia já, como se vê pela inscripção lavrada sobre a porta, que marca a era de 1548;—epoca em que, naturalmente, foi restaurada.

As peças mais notaveis do palacio dos marquezes de Fronteira, são: *a escada*, de um traçado elegante, e por certo uma das mais bellas que conhecemos; a *sala dos paineis*, onde se vêem os retratos de muitos dos antecessores d'esta illustre familia; as duas *galerias;* e acima de tudo a chamada—*sala das batalhas*—, que serve de sala de jantar.

Esta casa é guarnecida de azulejos, onde estão pintadas todas as batalhas em que tomaram parte os membros da familia dos Mascarenhas, notando-se a batalha do Ameixial, onde se vê o fundador da casa batendo-se corpo a corpo com D. João d'Austria.

Na armaria real de Madrid mostra-se o elmo que D. João d'Austria trazia n'aquella batalha, marcado pela espada do segundo conde da Torre.

Uma das fachadas do palacio deita para um vasto pateo de entrada, onde ha duas fontes;—outra olha para um jardim á ingleza, com um bonito tanque em fórma de estrella, no centro do qual ha uma Venus de marmore, bem conhecida por uns versos de Nicolau Tolentino;—a terceira tem na frente um grande jardim no gosto italiano, com cinco tanques octogonaes, e no fundo um, que tem cincoenta metros de comprimento e dezenove de largura, circumdado de balaustrada, vasos e figuras de marmore.

Na parte superior de um dos lados d'este tanque corre uma varanda, para onde se sobe por duas largas e magestosas escadarias, e que tem em nichos os bustos, feitos em marmore de Carrara, de todos os reis de Portugal, desde o fundador da monarchia até el-rei D. João VI.

Estes jardins confinam de um lado com um pomar e uma grande horta, e do outro lado com uma vasta matta, que occupa uma parte da encosta da serra, e d'onde se avista um lindo panorama.

Tanto os jardins como a matta conteem bonitos exemplares de plantas, e estão tratados com intelligencia e esmero.

A outra face do palacio é formada por uma espaçosa varanda, cheia de estatuas de marmore, de figuras de mythologia, que lançam agua em conchas tambem de marmore.—No fim d'essa varanda é que está a capella.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Este homem é nome de mulher—1—2.
A ave é animal? Não, é mentira—2—2.
Governo o bosque com um vestido asiatico—1—2.
Em favor do magistrado, governo—1—2.
Assassina o animal, vadio!—2—1.
Governo n'este momento, porque todos temos esta ceremonia—1—1—1.
O artigo é um orificio difficil de resolver—1—2.
E' circular no campo este vegetal—2—2.

Leiria. Ignacio V. Azevedo.

A PONTE DE BROOKLYN, EM NEW-YORK

Nos jardins da Africa ha esta cidade—1—2.
Agora, aqui, na musica, é bixo—1—1—1.
No bolo vi descripta esta estrada na America—1—1 2.

Batalha. J. FERNANDES ARAGÃO.

EM VERSO

(A J. V. d'Azevedo)

Charadista consid'rado
N'um logar menos que médio,
Tenho algumas publicado,
Com mais gosto do que tedio;
Mas, confesso, sou adverso
A's charadas não em verso.—2

Gosto de ver as Camenas
Em tudo reverberadas,
Mesmo nas coisas pequenas,
Taes como são as charadas.
Porque eu digo cá na minha:
A Musa, é sempre rainha.—2

As novissimas crimino,
Por não terem elegancia,
Mas não julgues, meu ladino,
Que isto em mim é ter jactancia.
Se no que digo ha basofia,
Podes crer, não é embofia.

M. MONTEIRO JUNIOR.

Um bando de garotos esfaimados,
Estava apedrejando ha longas horas
Certa arv're, p'r'alcançarem, os coitados,
Um ramo com amoras.—2

O ramo estava já quasi quebrado,
Eis quando um beleguim, que não se esp'rava,
De subito captura o mais ousado,
Que assim se appellidava.—3

Depois de a liberdade ter perdida
O preso alimentava ainda a esp'rança
De voltar muito breve áquella vida
De continua folgança.

MATHEUS JUNIOR.

CHARADA CONIMBRICENSE

Se á primeira vertical
Um *i* simples lhe juntar,
Certo nome de mulher.
Com certeza vae achar.

Na segunda vertical
Uma palavra antiquada,
Um engano, ou um ardil...
E não lhe digo mais nada.

Na primeira horisontal
Não desejo o leitor ver,
A não ser por brincadeira,
Por mero gosto ou prazer.

A segunda horisontal
Tem já visto muita vez,
Mesmo em qualquer edificio,
Que não mostre solidez.

A primeira diagonal
Em qualquer dama gentil,
Póde vel-a na cabeça,
Não só d'uma, em mais de mil.

E por fim, vae encontrar
Na segunda diagonal,
Certa coisa conhecida,
Por um movel usual.

Castello Branco. XAVIER RODRIGÃO.

Logogriphos

(Premio á primeira pessoa que me enviar a decifração—*Uma linda oleographia*, propria para quadro)

Aqui tendes uma planta, 3, 13, 1, 7, 17, 14, 16
E tambem mais um metal,—15, 4, 10, 5, 14, 8
Que sendo quasi invi ivel,—16, 3, 6, 9, 10
Ainda póde fazer mal.—12, 16, 5, 1, 17, 14, 3, 16, 17

Agora, veras soli rico,
Luxos, grandezas sem par.—15, 13, 11, 8, 2, 6
Um bello e lindo jardim,
Aqui deves encontrar.—4, 8, 11, 15, 10

De resto, dou p'ra conceito
Uns h-rejes, uns atheus,
Que suppunham forma humana
Existir no ignoto Deus.

Castello Branco. XAVIER RODRIGÃO.

(Ao eximio charadista Xavier Rodrigão)

Premio:—Uma photographia do author, se lhe enviar a decifração no praso de oito dias

Por campinas, por montes e vales,
Onde tudo seduz e encanta,
Divagando ao acaso, sem rumo,
Encontrei no caminho esta planta.—9, 10, 15, 2, 3, 13, 6, 3

Andei mais, e no fundo d'um val,
Onde um fresco regato corria,
Divisei esta planta singela—5, 10, 13, 11, 6, 3, 13
Que entre arbustos ali floresçia.

Lá na Asia por certo acharás
Esta arvore enorme e frondosa.—4, 7, 3, 2, 3, 15, 14
E nas hortas e quintas verás
Esta herva tambem virtuosa.—10, 15, 12, 13, 8, 1

Se é preciso que eu dê um conceito,
Não me eximo á tal regra geral,
Affirmando ser arv're pequena,
Mui pequena, mas medicinal.

Estremoz. JOSÉ D. R. TAVARES

Problema

Depois d'uma peça ter dado 36 tiros, começa uma outra a salvar. Supondo que a primeira dá 8 tiros, em quanto a segunda dá 7, e que esta ultima, por cada 3 tiros, queima tanta polvora

quanta a outra queima por cada 4 pergunta-se quantos tiros devem dar as duas peças, para queimarem egual porção de polvora.

MORAES D'ALMDEIA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Alavão—Obolo—Lobo-gato—Japão—Solamina—Adorador—Pataco—Solano—Campeão.
DOS LOGOGRIPHOS:—Antonio Marques Guedes—Sochantrear—Castanheiro—Liquidambreiro.
DA CARTA ENIGMATICA:—Angra do Heroismo.

A RIR

A senhora Cunegundes vae dar os pezames á sua visinha D. Engracia, que teve a infelicidade de perder uma filha de vinte annos.

—Então, resigne-se, minha boa amiga! Tambem eu passei por um desgosto horrivel... A minha pobre Luizinha foi-me arrebatada na flor da edade...

—Coitada! E porque doença?

—Por um homem casado!

*

Calino pergunta, na estação de Santa Apolonia, a que horas sae o comboio das sete e quarenta; e ao dizerem-lhe que ás oito menos vinte, exclama visivelmente contrariado:

—Demonio! Estão sempre a alterar os horarios!

*

Calino vae casar.

Na vespera do casamento, a noiva pergunta-lhe:

—Tu resonas?

—Não, minha filha.

—Como sabes isso?

—Porque tive a pachorra de não pregar olho uma noite inteira, só para observar se o fazia.

UM CONSELHO POR SEMANA

HYGIENE DA BELLEZA

Pó para amaciar e aromatisar a pelle:—canella em pó, semente de cardamomo em pó, amido pulverisado: partes eguaes.

Sachet para os sovacos: farello de trigo muito fino e bem sêco, 250 grammas, pó d'iris, 50 grammas.

LA FONTAINE

A França trata, n'este momento, de pagar uma divida de gratidão á memoria do immortal fabulista, que é, ao mesmo tempo, um dos seus maiores poetas e uma das suas glorias mais incontestadas.

Dentro em pouco tempo, no coração de Paris—a grande cidade, a prodigiosa Athenas da civilisação moderna—erguer-se-ha mais um monumento formosissimo, a julgar pela belleza do projecto, cuja gravura já vimos publicada n'algumas illustrações estrangeiras. Será esse monumento destinado—não diremos a perpetuar a gloria de La Fontaine, porque essa é imperecivel como a sua obra e inimitavel e inimitada—mas a attestar ao mundo, em mais uma esplendida obra de arte de entre tantas que se admiram na privilegiada capital da Arte, quanta veneração, quanto respeito e quão profundo acatamento a patria de Molière, de Voltaire, de Diderot e de Victor Hugo tributa a todos os seus filhos que a tem engrandecido e nobilitado pela poderosa supremacia do talento.

Não pretendemos n'este artigo fazer um juizo critico das obras do grande fabulista. Uma tal pretenção seria em nós ridicula, por demasiadamente ousada em relação á cainheza dos nossos recursos intellectuaes. Limitar-nos-hemos tão sómente a referir exclusivamente algumas anecdotas e factos curiosos da vida do grande poeta, colligidos aqui e ali, nos biographos e criticos que d'elle se occuparam. E como nos parece que nunca poderá ser fastidioso ouvir fallar de La Fontaine, mesmo quando, a respeito d'elle, nada de novo se ennuncie, suppômos que este artigo algum interesse merecerá aos leitores da *Illustração Portugueza.*

La Fontaine viveu no seculo de Luiz XIV, vulgarmente chamado a *edade do ouro* da litteratura franceza. O poderoso monarcha, tanto por inclinação natural como por calculo egoista, favorecia muito os cultores das letras, das artes e das sciencias, que por esse motivo se reuniam como cortezãos em torno do solio real. Recebia os mais eminentes na sua intimidade, e a muitos d'elles recompensava com larga munificencia. La Fontaine, porém, nunca logrou captivar as boas graças do soberano, talvez porque ao caracter grave e severo d'este não agradasse muito o genero ligeiro a que o poeta de preferencia se entregava, e que devia parecer-lhe demasiadamente frivolo visto atravez da fria e pautada etiqueta monarchica de então.

Além d'esta circumstancia, os biographos de La Fontaine citam uma curiosa anecdota, que deve tambem ter contribuido para que elle não fosse admittido á partilha dos beneficios que o rei tão liberalmente prodigalisava aos outros escriptores.

O poeta era extremamente distrahido, defeito este que me parece ser commum a todos os poetas. Um dia, Luiz XIV recebeu-o para lhe ouvir algumas das suas fabulas, e depois das ceremonias da apresentação, o poeta, confundindo-se em cumprimentos e reverencias, a que alias as suas articulações não estavam nada affeitas, começou a procurar... a procurar com inquietação em todas as algibeiras. As suas diligencias, porém, foram inuteis. As algibeiras, viradas e reviradas de dentro para fóra umas poucas de vezes, não expungiram de si o manuscripto, que o auctor deixára em casa. Imagine-se o desapontamento do poeta, e as torturas por que passaria durante esse máo quarto d'hora!

Como não podia deixar de succeder, o caso desagradou sobremaneira ao rei, que entretanto se limitou a dizer-lhe, sorrindo com ironica benevolencia:—«Ficará para outra vez, senhor de La Fontaine, ficará para outra vez!»

Mas, se lhe foram negados os favores que o regio Mecenas dispensou aos homens de talento da sua epoca, não lhe faltaram, comtudo, dedicadas protecções e amizades solicitas e previdentes, ás quaes deveu o poder levar uma existencia sempre despreoccupada e alegre, isento de cuidados e de inquietações, e inteiramente entregue á composição des suas primorosas obras.

E na verdade bem carecia o poeta d'esses favores. Inhabil, por natureza, para cuidar dos seus interesses pessoaes, e incapaz, além d'isso, de se impor qualquer privação, em pouco tempo desbaratou o seu pequeno patrimonio, sem comtudo se inquietar absolutamente nada com o futuro. Elle proprio o declara n'este epitaphio que para si compôz:

> Jean s'en alla comme il était venu
> Mangeant les fonds avec le revenu,
> Croyant trèsor chose peu nécessaire.
> Quant á sont temps bien sût le dépenser.
> Deux parts en fit dont il soulait passer,
> L'une á dormir et l'autre á ne rien faire.

De fórma que o seu caracter e as suas tendencias tornavam-n'o, por assim dizer, uma creança descuidada e imprevidente, que não podia dispensar que cuidassem d'elle em tudo que respeita á vida material.

O elemento feminino, como quasi sempre succede com todas as organisações dotadas da forte impressionabilidade dos artistas, influiu muito na vida de La Fontaine. Um dos seus biographos dá uma lista bastante longa das mulheres que por elle foram amadas. Não obstante, o poeta era casado, mas parece que facilmente se esquecia d'essa circumstancia, como se deprehende da sua fabula do *Mal marié:*

> Que le bon soit toujours cam arade du beau;
> Dés demain je chercherai femme,

o que nos não parece lá muito acceitavel, quando emfim um homem já tem sobre os hombros a pesada cruz do matrimonio, com que vae subindo o ingreme calvario da vida.

Verdade seja que para essa cruz encontrou o poeta mais de um *Cyrineu* piedoso e dedicado que lh'a ajudasse a sopezar.

Foi um d'esses o capitão Poignan. Divulgando-se, porém, as relações illicitas que este mantinha com a esposa do grande fabulista, os amigos de La Fontaine entraram a dizer-lhe que ficaria deshonrado se não se batesse com o capitão.

Tudo leva a crer que o poeta em nada, absolutamente, se incommodasse com o facto; entretanto, em presença da opinião dos seus intimos, não tinha remedio senão bater-se. Foi o que resolveu fazer, e uma bella manhã, sahindo de casa, foi procurar o capitão, pedindo-lhe que se preparasse para o acompanhar. Poignan, sem suspeitar, sequer, do que se tratava, seguiu-o. Chegados a um sitio ermo, La Fontaine diz-lhe: — «Aconselharam-me a que me batesse comtigo e portanto vamos a isto.» O capitão, surprehendido, pediu-lhe explicações, ao que La Fontaine annuiu. Em seguida começou o duello, que não foi longo. Ao primeiro bote o capitão fez saltar a espada das mãos do seu adversario, nada affeito ao manejo das armas. Então La Fontaine declarou-se plenamente satisfeito.

—Quizeram que nos batessemos—disse-lhe elle apertando-lhe a mão—batemo-nos. Agora vem d'ahi almoçar commigo, e sempre que quizeres apparece lá por casa para distrahires minha mulher.

Extraordinario desprezo, o d'este grande espirito, por este preceito convencional em que a sociedade envolve a honra e a dignidade do homem!

La Fontaine era extremamente amigo da ociosidade. Como Foé, o legislador indio, que via na preguiça a summula da perfeição humana, para elle o *dolce far niente* era o mais delicado de todos os prazeres.

> Le repos, le repos! trèsor si précieux
> Qu'on en faisait jadis le partage des dieux!

Era a unica cousa que elle amava mais do que os seus versos e a leitura dos seus auctores predilectos.

Ainda assim produziu bastante, porque possuia em larga escala esse invejavel dote que é a prenda por excellencia do talento—a fecundidade. O seu inexgotavel espirito derramou-o elle profusamente n'um grande numero de obras, que tornam avultada a sua bagagem litteraria, mas a sua gloria de escriptor baseia-se principalmente nas fabulas. *Le Chêne et le Roseau, les Animaux malades de la peste, le Meunier, son fils et l'âne, le Berger et le Roi* e ainda muitas outras, são verdadeiras perolas no genero, pela delicadeza, pela simplicidade e pelo espirito finamente malicioso que as distingue.

Essas fabulas, que elle proprio denominou

> Une ample comèdie à cent actes divers,

estão traduzidas em todas as linguas, e acham-se consagradas pela admiração geral como verdadeiras obras primas. Ha n'ellas um encanto irresistivel que as torna queridas e adoradas de todos. São por essa razão o livro universal, o manual dilecto de todas as edades e de todas as condições. O sabio, como o ignorante, comprazem-se na leitura d'essas scenas, descriptas com surprehendente naturalidade, e um e outro preferem sem duvida os doces e ingenuos preceitos de moral, ennunciados pelo fabulista em versos de uma harmonia encantadora, aos longos cartapacios, prenhes de doutrinas vocabulosas com que os srs. philosophos hão por bem macerar-nos a paciencia no pôtro desconjuntado de um estylo palavroso e confuso.

E' por isso que La Fontaine é do numero d'esses privilegiados, cuja gloria se vae alargando e crescendo successivamente, á medida que os seculos perpassam sobre as suas cinzas venerandas.

E' de todas as epocas, como é de todas as nações e de todas as litteraturas. Pertence á humanidade inteira, porque com ella se soube identificar pelo seu profundo bom senso, e pela sua profunda moral de uma adoravel simplicidade.

A correcção e a harmonia dos seus versos, bem como a elegancia e a naturalidade do seu estylo, são verdadeiramente inexcediveis. Os escriptores modernos, que pela maior parte procuram os seus effeitos nas phrases empoladas, nos palavrões sonoros, e, emfim, n'umas certas *ficelles* de estylo a que recorrem a todo o momento, podiam aprender em La Fontaine como a simplicidade, artisticamente alliada ao bom senso, pode fazer vibrar de enthusiasmo as fibras dos leitores mais fleugmaticos, o que nem sempre se consegue com periodos ou versos retumbantes, de uma declamação artificiosa e banal.

Leiam, por exemplo, este trecho, e digam-nos depois se ha nada mais bello, mais commovedor, mais sentido, mais eloquente, e ao mesmo tempo mais despretencioso e mais singelo, do que os queixumes da pobre vacca, victima da ingratidão do dono, que alimentara com o leite dos seus uberes.

> Enfin me voilà seule; il me laisse en un coin
> Sans herbe; s'il voulait encor me laisser paitre!
> Mais je suis attachée et si j'eusse en pour maître
> Un serpent eût-il pu jamais pousser plus loin
> L'ingratitude...?

Que suavidade de estylo! Que naturalidade a d'este verso! Com razão diz La Harpe que «La Fontaine inventou a sua maneira de escrever, mas o seu invento não se vulgarisou; reservou-o para si inteiramente; descobriu o segredo e guardou-o. Não foi no seu estylo nem imitador nem imitado, e é n'isto que está o seu merecimento.»

La Fontaine foi um admiravel pintor da natureza. Observou-a e sentiu-a profundamente, e na sua magica palheta de artista encontrou sempre as côres mais variadas, mais attrahentes e mais verdadeiras para a descrever.

Foi egualmente um profundo observador de todos os defeitos e de todas as qualidades do homem. Sob o symbolismo dos animaes, como em *Le loup et l'agneau*, ou dos vegetaes, como em *Le chêne et le roseau*, exhibe-nos o quadro de todos os vicios, de todas as virtudes, de todos os ridiculos, de todos os instinctos bons ou máus da *bête* que em nós todos existe, como tambem as miserias sociaes e as injustiças a que o habito quasi nos torna indifferentes. E mostrando-nos, influenciados por esses sentimentos ou por essas paixões, os personagens que figuram nas suas imaginosas fabulas, faz resaltar do dialogo e da acção, o mais conceituosamente possivel, o principio de moral que em nós pretende incutir.

E' por isso um inapreciavel conselheiro, que em versos adoraveis, de uma riqueza harmonica inexcedivel, nos ensina o dever em todos os pontos, protestando em favor do fraco contra o abuso do forte, em favor da humanidade contra os seus tyrannos e oppressores. «Com as sentenças espalhadas nas suas fabulas, diz d'elle um critico, formar-se-hia uma collecção de maximas dignas de Salomão ou de Socrates, e essas maximas, revestidas da expressão poetica, facilmente se gravariam na memoria.»

E', pois, ao poeta do dever, ao poeta da justiça e da bondade, que o povo da gloriosa França vae consagrar um monumento, que embora feito da rija perdurabilidade do marmore e do bronze, não será de certo mais duradouro do que esse outro monumento que elle nos legou nas suas admiraveis—fabulas.

MAGALHÃES FONSECA.

PALACIO DOS MARQUEZES DE FRONTEIRA, EM BEMFICA

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa